

Cerâmica púnica da necrópole de Palermo no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia-USP

Adriana A. Ramazzina*

Introdução

O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP possui uma coleção de vasos cerâmicos provenientes de diversos sítios italianos muito significativa e representativa. Dentre essa coleção destacamos para este estudo de curadoria três vasos púnicos provenientes da necrópole de Palermo, duas enócoas e uma bilha, com uma nitida função funerária.

Um acordo assinado entre o Brasil e a Itália, prevendo a troca de objetos etnográficos e arqueológicos, garantiu à USP em 1964 uma expressiva coleção arqueológica oriunda de vários museus e regiões da Itália,¹ cuja finalidade era compor o acervo original do então recém-criado Museu de Arte e Arqueologia, hoje Museu de Arqueologia e Etnologia.

Dentre as peças recebidas,² três delas, encontradas na necrópole púnica de Palermo e fornecidas pelo Museu Arqueológico Nacional de Palermo,³ são aqui apresentadas e analisadas em conjunto devido tanto a sua proveniência comum, o contexto cultural fenício-púnico de Palermo, quanto a suas características funcionais de vasos funerários.

1. Enócoa (Fig. 1)

Nº de Inventário Geral do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE):⁴ 64/11.13

nº no catálogo *Materiali di Antichità Varia* (MAV): 219

nº no catálogo *Museu de Arte e Arqueologia* (MAA): 325

nº de inventário original do Museu Arqueológico Nacional de Palermo (MANP): 398

Alt. 21,5 cm; alt. máx. 22,2 cm; diâm. máx. bojo: 13,8 cm; diâm. máx. pé: 7,1 cm; larg. alça: 1,8 cm.

Enócoa de bocal trilobado (Fig.2). Pé tronco-cônico vazado internamente; corpo ovóide invertido; gargalo cilíndrico com bocal trilobado (Fig. 3); pequeno cordão em relevo na junção do bojo com o pescoço; alça em fita arredondada que sai do ombro e vai até o bocal do vaso, ultrapassando-o em altura em alguns centímetros.

Vaso cerâmico feito no torno, superfície lisa e opaca com marcas de torneamento evidentes. Argila vermelho-alaranjada (N 37/2,5 YR 6/8) com engobo bege claro (M 75/10 YR 7/3) a rosado (M 49/5 YR 7/4). Pintura marrom-alaranjada (P 25/10 R 5/4) na extremidade do lábio, na parte interna e externa. A pintura avança na parte superior da alça. Notam-se três manchas avermelhadas no bojo causadas por queima não homogênea.

Vaso inteiro com lascas no pé. No bojo, na parte oposta à alça, o engobo está levemente descascado. Bom estado de conservação.

(*) Pesquisadora colaboradora do Labeca - MAE/USP, bolsista de pós-doutorado da FAPESP. <aramazzina@yahoo.com>

(1) Elencados em *Materiali di Antichità Varia*, 1964.

(2) *Museu de Arte e Arqueologia, Universidade de São Paulo. Catálogo n.1*, 1964.

(3) Hoje *Museo Archeologico Regionale Antonino Salinas di Palermo*.

(4) Abreviações: MAA - *Museu de Arte e Arqueologia, Catálogo 1*, São Paulo, 1964; MAE - *Museu de Arqueologia e Etnologia*; MANP - *Museu Arqueológico Nacional de Palermo*; MAV - *Materiali di Antichità Varia, Catalogo*, Roma 1964.

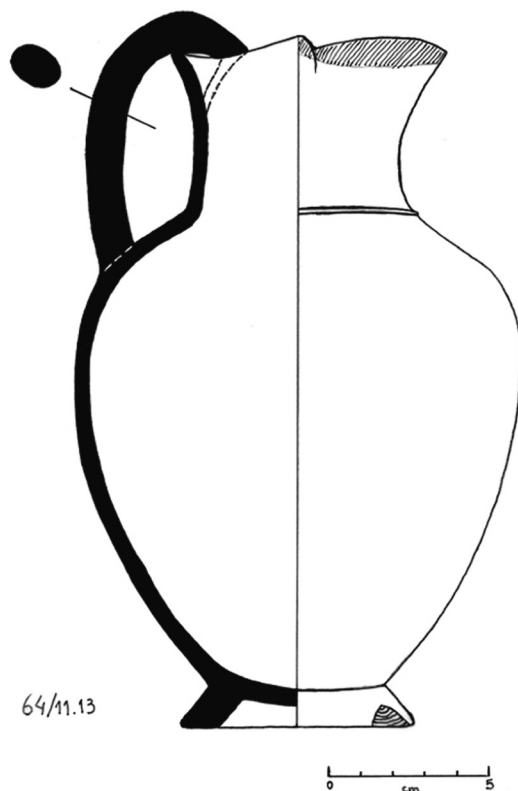
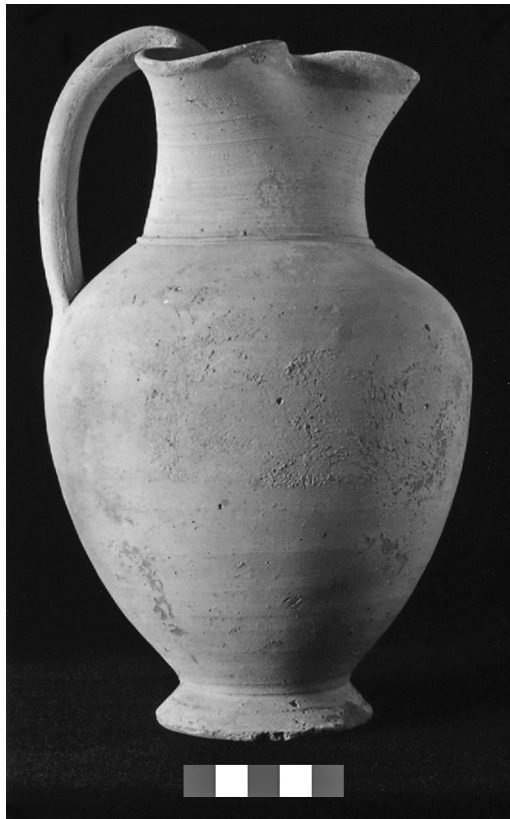


Fig. 1. Enócoa 64/11.13. Foto Wagner Souza e Silva.
Fig. 2. Enócoa 64/11.13, perfil. Perfil de Adriana Ramazzina.

Fig. 3. Enócoa 64/11.13, detalhe da embocadura. Perfil de Adriana Ramazzina.

2. Enócoa (Fig. 4)

Nº de Inventário Geral do MAE: 64/11.16

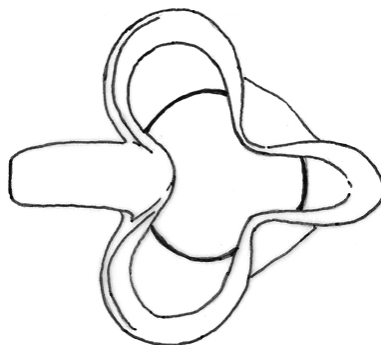
nº no catálogo MAV: 217

nº no catálogo MAA: 323

nº de inventário do MANP: 396

Alt.: 26,9 cm; alt. máx.: 27,2 cm; diâm. máx. bojo: 13,9 cm; diâm. máx. base: 6,4 cm; larg. alça: 2,9 cm.

Enócoa de pequeno bocal bilobado⁵ (Fig. 5). Base plana levemente côncava; corpo



globular um pouco alongado, como uma pera invertida; gargalo longo e cônico, com pequeno bocal bilobado irregular e lábio achatado (Fig. 6). Pequeno cordão em relevo na junção do gargalo com o corpo do vaso. Alça em fita

(5) A bilha 64/11.16 com bocal trilobado (como consta em *Materiali di Antichità Varia e Museo de Arte e Archeologia, Università de São Paulo. Catálogo n.1*) deveria ser denominada, como explica P. Bartoloni (1997: 204), bilobada, em

razão do procedimento técnico realizado para a obtenção do desenho da boca apta para versar o conteúdo líquido do vaso. Adotaremos aqui, pois, a denominação de Bartoloni.

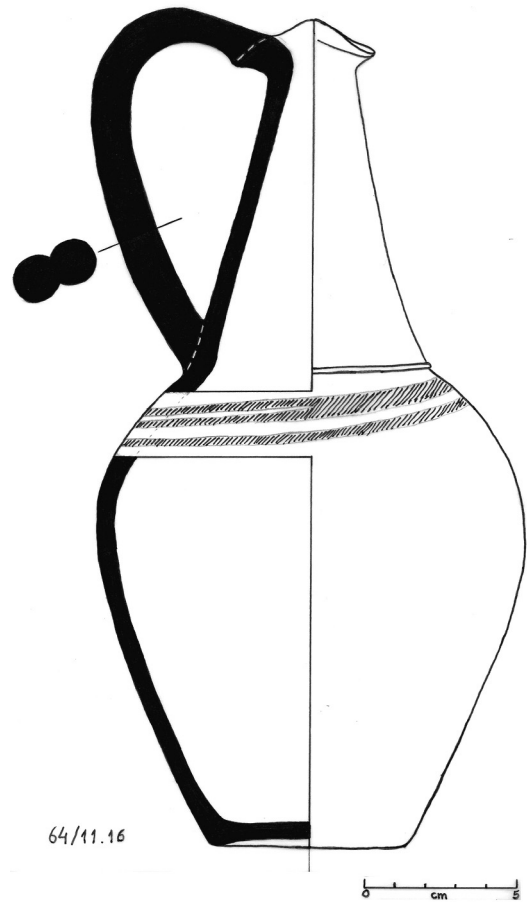


Fig. 4. Enócoa 64/11.16. Foto Wagner Souza e Silva.
 Fig. 5. Enócoa 64/11.16, perfil. Perfil de Adriana Ramazzina.
 Fig. 6. Enócoa 64/11.16, detalhe do bocal bilobado. Foto Wagner Souza e Silva.

dupla que sai da parte inferior do gargalo e vai até o lábio.

Vaso cerâmico, feito no torno, superfície granulada irregular. Argila vermelho-alaranjada (N 40/2,5 YR 6/8) com pontos brancos (mica). Vestígios de engobo no bojo, na alça, e no pescoço (M 39/2,5 YR 6/8 e M 70/7,5 YR 7/4). Decoração em três faixas paralelas marrom-avermelhadas (P 11/10 R 5/3) na altura do ombro, sendo que as duas superiores se juntam na parte frontal do vaso (oposta à alça). O lábio do vaso encontra-se pintado da mesma cor. Na parte interna da alça há uma pequena mancha enegrecida.

Vaso inteiro, em bom estado de conservação.



3. Bilha cerâmica (Fig. 7)

Nº de Inventário Geral do MAE: 64/11.17
 nº no catálogo MAV: 218
 nº no catálogo MAA: 324
 nº de inventário do MANP: 397

Alt. máx.: 22,0 cm; diâm. máx. bojo: 12,7 cm;
 diâm. máx. base: 9,8 cm; alt. gargalo até a

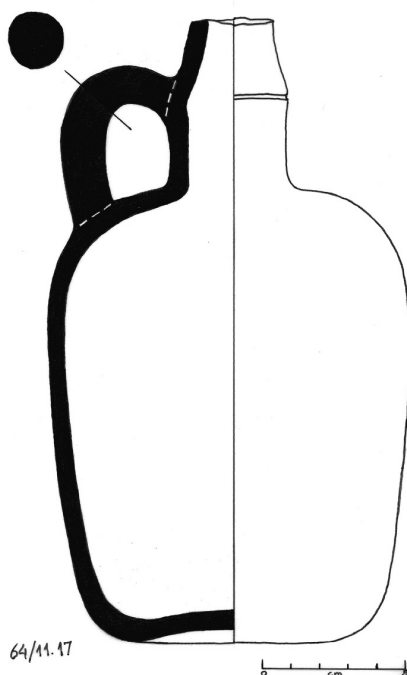
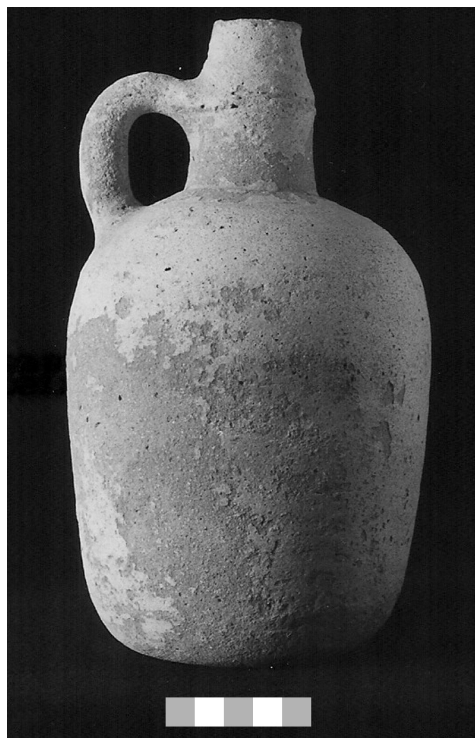


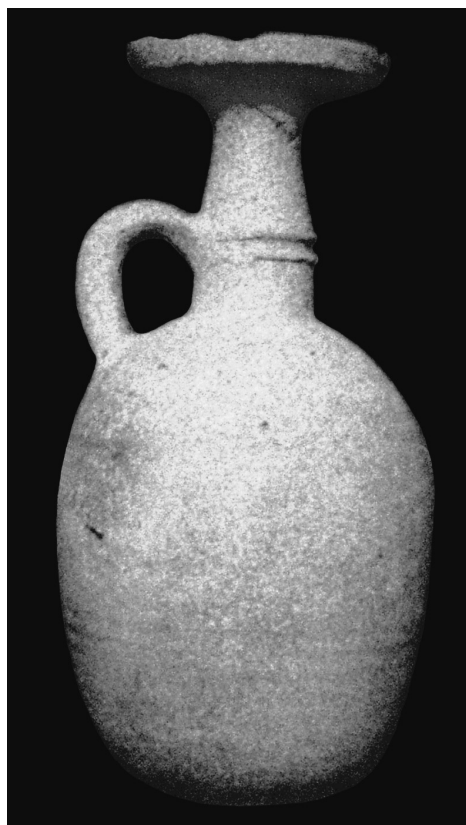
Fig. 7. Bilha 64/11.17. Foto Wagner Souza e Silva.
Fig. 8. Bilha 64/11.17, perfil. Perfil de Adriana Ramazzina.
Fig. 9. Bilha com bocal em cogumelo. Caserma Tuköry, necrópole púnica de Palermo. Foto de Adriana Ramazzina de painel da área musealizada da necrópole púnica de Caserma Tuköry, Palermo.

extremidade fragmentada: 6,1 cm; diâm. gargalo na extremidade fragmentada: 3,0 cm; larg. alça: 2,0 cm.

Bilha cilíndrica, com base e ombros arredondados. Base levemente côncava; gargalo curto e reto; alça em cordão que sai do ombro e vai até a metade do gargalo; pequeno sulco circular horizontal mediano no gargalo, em correspondência à junção superior da alça. Falta a borda (Fig. 8). Conhecida como bilha com bocal “em cogumelo”, isto é, bilha com pescoço alongado e estreito no alto e com bocal achatado e esparramado verticalmente (como exemplo do vaso inteiro, ver Fig. 9).

Vaso cerâmico feito no torno, superfície granulada grosseira. Argila vermelho-rosada (M 37/2,5 YR 6/8) com pontos brancos; engobo amarelo esbranquiçado (K 92/5 YR 8/1 e L 71/10 YR 8/3), muito friável e parcialmente descascado. Sem decoração pintada evidente.

Vaso fragmentado na parte superior do gargalo. Cerâmica bastante friável. Engobo escamando.



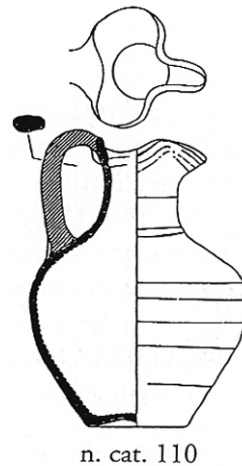
Análise e cronologia⁶

A enócoa 64/11.13 é uma forma cerâmica bastante difundida em toda a bacia do Mediterrâneo. Ela está presente em contextos fenício-chipriotas da Idade do Ferro (900-850 a.C.), e é recorrente em ambiente colonial, tendo sido encontrada em Cartago, Palermo, Solunto e em diversos sítios da Sardenha. Pode ser derivada de modelos protocoríntios, importada e também imitada localmente (Cintas 1950: 447 e segs, e tav. LXV n. 4-6).

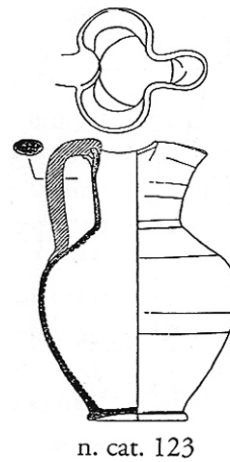
Vasos de tipo campana, de produção da Itália meridional, semelhantes na forma ao 64/11.13 são datados do séc. VI-V a.C., como afirma J.P. Morel (1981: 52 e segs.).

Fazendo parte do que chamáramos de cerâmica comum de mesa encontrada na necrópole púnica de Palermo, Sandra Ruvituso faz referência a formas de produção local inspiradas em modelos de diversas culturas (Fig. 10), como a forma do vaso 64/11.13 do MAE. São vasos de uso doméstico acromáticos ou decorados em faixas diferentes das formas atribuíveis ao repertório fenício-púnico, e documentados, sobretudo na fase arcaica da necrópole: “As superfícies externas desses vasos são revestidas de engobo de cor clara e de boa qualidade. A maior parte dos vasos é acromática, frequentemente se encontra a decoração da borda do vaso com verniz amarronzado diluído feita com a técnica da imersão” (Ruvituso 1998: 321). Trata-se da mesma decoração que o exemplar 64/11.13 do MAE apresenta na borda (ver Fig. 1), repetindo até a técnica referida da imersão. A datação atribuída a esses vasos, segundo Ruvituso, é entre o séc. VI e o V a.C.

(6) A análise cronológica desses vasos pode ser favorecida caso tenhamos acesso a dados mais detalhados do contexto de achado. As informações disponíveis no catálogo que os acompanhavam por ocasião da troca com o governo italiano eram sumárias. Entretanto, havia indícios que poderiam nos levar à obtenção de dados da escavação. Para tanto, visitamos o Museu Arqueológico Regional Antonino Salinas em Palermo que, na pessoa de sua diretora, Dra. Agata Villa, se dispôs a pesquisar por mais dados em seus arquivos. Caso essa pesquisa se mostre positiva, poderemos enriquecer tanto o estudo cronológico aqui apresentado quanto a análise de seu contexto tumbal.



n. cat. 110



n. cat. 123



n. cat. 141

Fig. 10. Cerâmica comum de mesa. Necrópole púnica de Palermo. Ruvituso (1998: 322).

Nas escavações de 1953-54 de um importante trecho da necrópole púnica de Palermo (Tamburello 1968: 264, fig. 28c), foi encontrado um vaso cerâmico idêntico ao 64/11.13 na tumba 65 a, datada dos primeiros decênios do séc. V a.C., e outro muito semelhante, na tumba 30, inclusive com a parte superior da borda e da alça pintadas, como acontece com o do MAE. A tumba 30 é datada dos primeiros decênios do séc. V a.C. (Tamburello 1969: 270 e segs., e tav. XCV).

Na área da necrópole púnica da Caserma Tuköry em Palermo, foi encontrada, na tumba n. 91, uma enócoa de bocal trilobado idêntica na forma à 64/11.13. A tumba é datada do fim do séc. VI - início do V a.C. (Spatafora 2010: 46).

Um vaso muito semelhante ao 64/11.13 foi encontrado na necrópole de Solunto, segundo notícia de V. Tusa (1971: 33 e segs.), com a diferença de ter, o exemplar soluntino, o pé plano. Sua datação é 2ª metade do séc. VI a.C.

As formas cerâmicas 64/11.16 e 64/11.17 são consideradas o “cartão de visitas” fenício, pois são encontradas em praticamente todos os sítios fenício-púnicos do Mediterrâneo, mais especificamente em suas necrópoles, principalmente nas sepulturas mais antigas. Elas aparecem em dupla praticamente em todos os mobiliários funerários coloniais arcaicos (Ciasca 1987: 8). Apesar de caracterizar todo o mundo fenício ocidental, como afirma M. Botto (2009: 341), “apresentam peculiaridades, fruto de dinâmicas locais que devem ser analisadas caso a caso”.

Originadas ambas as formas na costa fenícia, podem ser encontradas já em fins do séc. IX, na variante *Red Slip* II em exemplares de Khalde para a forma da 64/11.17, e em *Red Slip* I em exemplares de Chipre (Fig. 11) e da costa sírio-palestina como Al-Mina, Megido, Samaria, Lachish e Hazor, e na variedade *Bichrome* IV em Kition (BISI 1970: 46-47), para a forma do vaso 64/11/16.

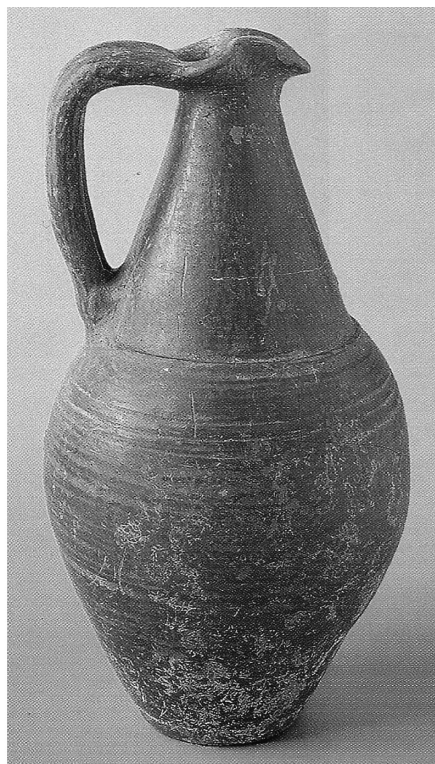


Fig. 11. Bilha com bocal em cogumelo e enócoa com pequeno bocal bilobado em *Red Slip*, de Amatonte, Chipre, séc. VIII a.C. Vasos do *District Museum*, Limassol. Fotos de RCS Libri e Grandi Opere, Milan.

A forma 64/11.16 pode derivar de modelos em metal, como a enócoa em bronze de proveniência desconhecida do *Metropolitan Museum of Art* de Nova York (Fig. 12), datada de fim do séc. VIII - séc. VII a.C. Este modelo em metal apresenta na junção da alça com o bojo do vaso uma palmeta aplicada, como coloca G. Markoe (2000: 150). Exemplos como este também em prata, além dos em bronze, foram encontrados na Etrúria, na Espanha, em Cartago e em Chipre.⁷

Patricia Bikai (1987: 31), ao analisar a cerâmica fenícia de Chipre, apresenta em seu catálogo uma enócoa, a de n. 373, idêntica à 64/11.16. Trata-se de um vaso encontrado em Amatonte, na tumba 302/52, hoje no Museu de Limassol (ref. 815/52). A peça cipriota apresenta três linhas incisas na parte superior do bojo, da mesma maneira que o vaso 64/11.16 as apresenta pintadas. Trata-se de uma importação fenícia. Cronologicamente, o vaso está inserido no Horizonte *Amathus*, que encontra paralelos em Tiro, entre outros sítios fenícios, e pode ser datado do séc. VII ao VI a.C. (BIKAI 1987: 62 e 68).

Pierre Cintas foi o primeiro estudioso a classificar a cerâmica púnica, publicando em 1950 *Céramique punique*. Segundo sua classificação, as cerâmicas do MAE podem ser atribuídas aos seguintes tipos: 64/11.13 - tipo 181 (mas com pé diverso, já que o de Cintas apresenta a base plana); 64/11.16 - tipo 193; e 64/11.17 - tipo 65^{ter}.

Anna Maria Bisi (1970: 30 e segs.) analisou a cerâmica púnica e estabeleceu para ela uma classificação tipológica “em oposição aos critérios morfológicos seguidos por Cintas”, já que estava convencida de que “uma história da cerâmica fenício-púnica deveria ser delineada partindo das poucas formas comuns a todo o mundo púnico, e não de suas variantes” (BISI 1967: 35). Estabeleceu assim 16 formas fundamentais (Fig. 13) e afirmou que, para os centros

(7) Além dos exemplares em metal, temos a referência de um vaso como este, só que de vidro, encontrado no Tesouro de Aliseda, Espanha (Harden 1970, 156, e foto 52).



Fig. 12. Enócoa de bronze fenício, proveniência desconhecida, séc. VIII-VII a.C., com 35,3 cm de altura. *The Metropolitan Museum of Art* (55.121.1). (Harden 1971a, foto 53).

fenício-púnicos da Sicília, a forma 1 (64/11.17, tipos 65-75, 77, 79-80 de Cintas) poderia ser datada no intervalo entre os séculos VIII a VI a.C. e a forma 4 (64/11.16, tipos 150-151, 160, 191-193 de Cintas) poderia ser datada entre o séc. VII e o VI a.C. Ambas são formas limitadas ao período arcaico. A forma 4 apresenta, nos exemplares mais antigos de Mótia e de Cartago, uma saliência no ponto nítido de contato entre o pescoço em forma de funil invertido e o bojo piriforme ou esferoidal do vaso, como é o caso do exemplar 64/11.16 do MAE, reforçando seu arcaísmo.

A cerâmica púnica da necrópole de Palermo parece mostrar uma evolução diferenciada em relação a exemplares de Mótia. Há

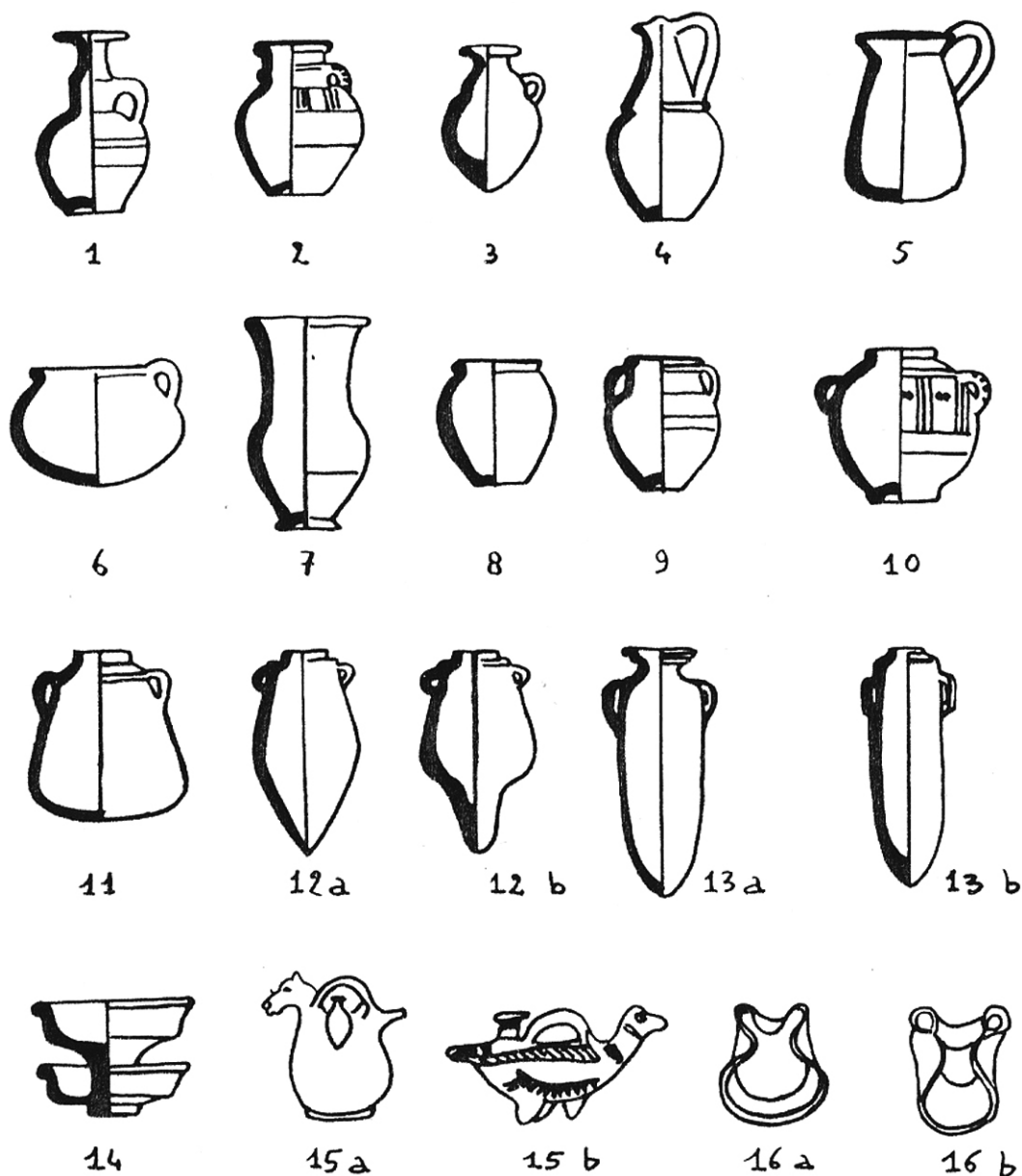


Fig. 13. As 16 formas fundamentais da classificação de Bisi. Bisi (1970: tav. II).

vasos cerâmicos associando diretamente Palermo ao repertório asiático, sem o intermédio de Cartago (BISI 1967: 43-44). Paralelamente vemos a associação entre a produção cerâmica de Mótia e a de Cartago, como pode ser percebido na série de bilhas com bocal em cogumelo (Peserico 1996). A necrópole de Palermo (Fig. 14) apresenta frequentes importa-

ções de cerâmica grega arcaica (protocoríntia e coríntia) em contextos associados a vasos acromáticos de tradição oriental, já na 2ª metade do séc. VII a.C. (BISI 1967: 49).

Ao analisar a cronologia das tumbas púnicas de Cartago, H. Benichou-Safar apresenta os perfis dos vasos mais frequentes para as tumbas de cada período (1982: p. 292, fig.



Fig. 14. Mobiliário funerário da Tumba de Via Maggiori Amari, necrópole de Palermo. Spatafora (2005: 33).

132; p. 293, fig. 133; e p. 299, fig. 134). As bilhas com bocal em cogumelo (como a 64/11.17) aparecem, ao lado das enócoas de pequeno bocal bilobado (como a 64/11.16), nos quadros referentes ao curso do séc. VII e no referente à transição do VII-VI à metade do séc. VI a.C.

P. Bartoloni destaca o extraordinário êxito que tiveram as bilhas ou enócoas de bocal bilobado e as bilhas de bocal em cogumelo, sempre aparecendo juntas e com uma grande “difusão cosmopolita”. Para o autor, são ambos “vasos de uso especificamente funerário, ritualmente inseparáveis” (Bartoloni 1997: 204). Para Bartoloni, a bilha com bocal bilobado seria um vaso porta-unguentos, e a bilha com bocal em cogumelo seria utilizada para o sucessivo derramamento e espalhamento dos unguentos sobre o corpo do defunto. Ele ainda destaca como a forma ‘esparramada’ e plana da borda, decididamente não adaptada para verter líquidos,⁸

(8) É o que pode verificar empiricamente S. Lancel, que afirma: “Eu fiz experiências [para verificar a funcionalidade desses vasos] (...) [Pude perceber que] ao se tentar verter qualquer líquido que seja de uma enócoa em cogumelo, isso é impossível. Ela é de fato um vaso para óleo perfumado” (Lancel 1982: 10).

seria destinada a espalhar fluidos densos, do mesmo modo que os aribalos gregos (p. 205-206). Explicando tecnicamente a manufatura e o funcionamento do pescoço e do bocal, Bartoloni (p. 206) afirma:

“Observa-se nas bilhas com bocal em cogumelo um inchaço no pescoço do vaso que apresenta uma saliência nítida ou um ou dois sulcos incisivos antes da queima. Esse inchaço externo do pescoço corresponde, na realidade, na parte interna do mesmo, a uma expansão intermediária do orifício, que durante o derramamento provoca bolhas no líquido. Assim, a função deste alargamento do pescoço unido à exiguidade da entrada e da saída é evidentemente a de regular e limitar em última instância o extravasamento do unguento. Esta particularidade técnica era tão importante e fundamental que o pescoço era torneado à parte e só então era aplicado ao corpo do vaso. Portanto, a forma citada é o único par da bilha bilobada e esses dois tipos são os únicos a serem repropostos no Ocidente, na sua qualidade de recipientes funerários utilizados na preparação do corpo do defunto antes dos ritos fúnebres”.

Podemos nitidamente perceber no perfil da bilha 64/11.17 os detalhes mencionados acima para o pescoço do vaso (ver Fig. 8).

F. Chelbi elaborou e publicou em 1986 uma classificação para as bilhas com bocal em cogumelo de Cartago, tipo da 64/11.17, e segundo ele, até a data da publicação pelo menos, nenhum desses vasos havia sido encontrado em escavações de santuários nem em estratos de habitações de época arcaica na cidade. Junto com a enócoa de bocal bilobado, como a 64/11.16, a bilha de bocal em cogumelo é um vaso estritamente ligado às práticas funerárias.

Segundo a classificação de Chelbi, a bilha 64/11.16 do MAE se assemelharia às do tipo 3 variante B, de pança oval, base côncava (forma 65^{ter} de Cintas), sendo a forma mais frequente desse tipo em Cartago. Sua datação ficaria entre a metade do séc. VII e o começo do séc. VI a.C. Entretanto, não há nenhuma bilha com bocal em cogumelo elencada no artigo de Chelbi que seja exatamente idêntica à 64/11.17 do MAE, nem em Cartago nem em outros sítios mediterrâneos citados. Isso se dá devido à característica muito particular do ombro do vaso aqui analisado em relação ao bojo: a curva do ombro é bastante demarcada e o corpo do vaso é cilíndrico, com um diâmetro levemente maior em sua parte superior. Além do mais, as bilhas analisadas por Chelbi são aquelas encontradas em Cartago e, como afirmamos acima, segundo M. Botto (2009: 341), para esses vasos deve-se analisar caso a caso.

Até 1996, quando Anna Peserico publica *Le brocche "a fungo" fenicie nel Mediterraneo: tipologia e cronologia*, conheciam-se apenas seis exemplares datados deste tipo de cerâmica encontrados na necrópole púnica de Palermo (Peserico 1996: 82). O vaso do MAE 64/11.17 vem, portanto, compor esta categoria cerâmica, ainda pouco representada neste sítio siciliano.⁹

Ao confrontá-lo com a classificação proposta por Peserico, e levando em conta o

pequeno número de exemplares classificados para Palermo, o vaso do MAE é único. Mesmo privado de sua borda, a classificação tanto do pescoço quanto do bojo não encontra paralelo. A forma do MAE apresenta pescoço de tipo 3a: a articulação mediana é menos marcada que os dois tipos precedentes (1 e 2). O perfil das duas partes do pescoço é menos curvilíneo e tende a ser especialmente na parte inferior, quase retilíneo. O subtipo a marca a presença de uma ou mais linhas incisivas ou pintadas na altura da articulação do pescoço (no caso do exemplar do museu, uma linha incisiva). O bojo do vaso 64/11.17 é de tipo 6: cilíndrico de paredes retilíneas, muito embora tenha também uma das características do tipo 7 – ovoidal com diâmetro máximo no alto –, a saber, o diâmetro máximo na parte superior do bojo.

No que se refere à cronologia desses vasos na Sicília, Peserico afirma existirem dois períodos fundamentais de maior ocorrência, o Período I, que se estende por cerca de três quartos de século, do fim do VIII/início do VII ao início do terceiro quartel do séc. VII a.C.; e o Período II, que se estende do fim do séc. VI ao início do V a.C. Percebe-se no arco de tempo entre o período I e o período II, isto é do terceiro quartel do séc. VII ao fim do séc. VI, um vácuo documentário sem explicação (Peserico 1996: 85). São datáveis desse período dois vasos de Mótia, mas que podem muito bem ser atribuídos um, ao fim do período I e outro ao início do II.

Alguns vasos de Mótia datados do período II apresentam corpo de tipo 6, e sendo esta a única característica em comum com o vaso 64/11/17, pode ser um indicativo, apesar de insuficiente, da sua atribuição cronológica.

Para Bisi, a forma 64/11.17 do MAE, segundo suas características de composição da argila e de decoração, pode ser datada do séc. VI a.C. (Bisi 1970: 145).

Nas escavações da área da Caserma Tuköry da necrópole púnica de Palermo foi encontrada uma tumba, n. 94, cujo mobiliário cerâmico apresentava uma bilha inteira com bocal em cogumelo, corpo cilíndrico e de paredes do bojo retas como a 64/11.17, muito embora apresente ombros mais inclinados do que a do

(9) Esse número certamente será ampliado quando os exemplares encontrados na recente escavação da Caserma Tuköry, que revelou um importante trecho da necrópole púnica arcaica, forem acrescentados.

MAE (Spatafora 2010: 41). Tanto o acabamento de superfície, o engobo, quanto a colocação da alça também são muito semelhantes aos da bilha aqui analisada. A sepultura é datada do fim do séc. VII – início do VI a.C.

Podemos afirmar, enfim, que a enócoa com pequeno bocal bilobado e a bilha com bocal em cogumelo são ambos vasos arcaicos, provavelmente datados entre o fim do séc. VII e a 1ª metade do séc. VI a.C., originários da parte mais arcaica da necrópole púnica palermitana. Já a enócoa 64/11.13 seria mais recente, provavelmente situada entre fins do séc. VI – início do V a.C.

Conclusões

Os vasos púnicos da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP provenientes da necrópole de Palermo formam um conjunto que apesar de pequeno é bastante significativo no que concerne às práticas funerárias púnicas do período arcaico do sítio siciliano. São cerâmicas de tradição fenícia, originárias da

costa sírio-palestina, com é o caso das formas 64/11.16 e 64/11.17, de clara função funerária, ou estrangeira, como é o caso da forma 64/11.13, logo assimilada e adaptada a funções funerárias. A enócoa de bocal trilobado 64/11.13 desempenharia uma função no possível banquete fúnebre, enquanto as bilhas de bocal bilobado e de bocal em cogumelo participariam dos rituais de preparação do morto e, depois dos ritos fúnebres, seriam depositadas em sua tumba, mesmo nos casos de incinerações, quando sua deposição ocorria preponderantemente após a queima do corpo.

Difundidos por toda a bacia do Mediterrâneo, esses vasos são o testemunho da cultura fenício-púnica, de seu alcance e penetração, cujo papel na formação e definição da civilização ocidental ainda está para ser esclarecido.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meus agradecimentos a Haiganuch Sarian, a Maria Beatriz Borba Florenzano, a Maria Isabel D'Agostino Fleming e a Wagner Souza e Silva.

Referências bibliográficas

- BARTOLONI, P.
1997 A proposito di *Cruche à "arête sur le col"*. *Rivista di Studi Fenici*, 25: 203-209.
- BENICHOUSAFAR, H.
1982 *Les tombes puniques de Carthage: topographie, structures, inscriptions et rites funéraires*. Paris, CNRS.
- BIKAI, P.
1987 *The Phoenician Pottery of Cyprus*. Nicosia, A.G. Leventis Foundation.
- BISI, A.M.
1967 L'Irradiazione semitica in Sicilia in basi ai dati ceramici dei centri fenicio-punici dell'isola. *Kokalos*, XIII: 30-60.
1970 *La Ceramica Punica. Aspetti e problemi*. Napoli: s/ed.
- BOTTO, M.
2009 La ceramica. L'Occidente. In: Bondi, S.F. (a cura di) *Fenici e Cartaginesi. Una civiltà mediterranea*. Roma, Libreria dello Stato: 335-345.
- CHELBI, F.
1986 Oenochoes "a bobèche" de Carthage: typologie et chronologie. *Reppal*, 2: 173-255.
- CIASCA, A.
1987 Note sur repertorio ceramico fenicio di Occidente. *Dialoghi di Archeologia*, s. 3, 5 (2): 7-12.
- CINTAS, P.
1950 *Céramique punique*. Tunis, Institut des Hautes Études.
- LANCEL, S.
1982 La céramique phénico-punique de la nécropole archaïque de Byrsa: quelques remarques préliminaires. *Actes. Colloque sur la céramique antique. Carthage 23-24 juin 1980. CEDAC Carthage, Dossiers*. Tunis, Institut National du Patrimoine.
- HARDEN, D.
1971 *Os Fenícios*. Lisboa: Verbo.

- 1971a *The Metropolitan Museum of Art*, New York.
- MARKOE, G.
2000 *Phoenicians*. London: British Museum Press.
Materiali di Antichità Varia. Catalogo delle cessioni di oggetti archeologici ed artistici effettuate dallo stato nei casi previsti dalla leggi vigenti. I.Scambio con l'Università do São Paulo del Brasile, 1964. Roma, Ministero della Pubblica Istruzione, Direzione Generale delle Antichità e Belle Arti.
- MOREL, J.-P.
1981 *Céramique Campanienne: Les Formes*. Rome, École Française de Rome.
- MUNSELL
1975 *Soil Colour Charts*. Baltimore, Munsell Colour. *MUSEU de Arte e Arqueologia, Universidade de São Paulo. Catálogo n.1*. 1964. São Paulo.
- PESERICO, A.
1996 *Le brocche "a fungo" fenicie nel Mediterraneo: tipologia e cronologia*. Roma, Istituto per la civiltà fenicia e punica, Consiglio nazionale delle ricerche. (Collezione di studi fenici, 36).
- RUVITUSO, S.
1998 *Ceramica comune da mensa*. In: *Palermo punica. Museo Archeologico Regionale A. Salinas 6 dicembre 1995-30 settembre 1996*. Palermo, Sellerio editore: 321-325.
- SPATAFORA, F.
2010 *La necropoli di Panormos*. In Spatafora, F.; Vassallo, S. (a cura di) *L'ultima città. Rituali e spazi funerari nella Sicilia nord-occidentale di età arcaica e classica*. Palermo, 30 aprile 2010. Palermo, Regione Siciliana, Assessorato BB.CC. e dell'Identità siciliana: 31-40.
- 2005 *Da Panormos a Balarm. Nuove ricerche di archeologia urbana*. Palermo giugno-dicembre 2005. Palermo, Soprintendenza BB.CC.AA. di Palermo.
- TAMBURELLO, I.
1968 *Palermo. Necropoli (parte II): loculi e sarcofagi*. *Notizie degli Scavi di Antichità*, 22: 243-271 .
- 1969 *Una classe di vasi arcaici da Palermo*. *Archeologia Classica*, XXI: 270-276.
- TUSA, V.
1971 *Solunto. Nuovi contributi alla soluzione del problema storico-topografico*. *Kokalos*, 17: 33-48.

Recebido para publicação em 15 de dezembro de 2010.